



**Comunidade de
Aprendizagem**

**Este material foi elaborado
pelos concluintes da
certificação de formadores em
Comunidade de Aprendizagem
realizado em 2015.**

**TEMA: RELATOS DE
EXPERIÊNCIAS DE
IMPLEMENTAÇÃO DO
PROJETO**



Comunidade de
Aprendizagem

Os princípios da aprendizagem dialógica começam na educação infantil

Gilda Aparecida Cassiano

Paper apresentado como requisito para obtenção da Certificação de Formador em Comunidade de Aprendizagem

São Paulo 2015

Resumo

O texto aborda os princípios da educação infantil, com base nas Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil, e a relação com os princípios do projeto comunidade de aprendizagem.

OBJETIVO

Propor uma reflexão que envolve a educação de crianças pequenas, o apoio que as famílias e a comunidade podem proporcionar nos espaços educativos, e como a aprendizagem dialógica, por meio dos seus princípios, favorece o diálogo e a interação entre as instituições família e escola.

Introdução

“A Educação Infantil tem por objetivo o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade em seus aspectos físico, afetivo, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. As crianças provêm de diferentes e singulares contextos socioculturais, socioeconômicos e étnicos. Por isso, os sujeitos do processo educativo dessa importante etapa da Educação Básica devem ter a oportunidade de se sentirem acolhidos, amparados e respeitados pela escola e pelos profissionais da educação, com base nos princípios da individualidade, igualdade, liberdade, diversidade e pluralidade.” (Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil).

A Educação Infantil é um direito da criança e o equilíbrio com as necessidades da infância confirma a importância do diálogo com os responsáveis. Vale lembrar que é nessa fase que são construídos os primeiros vínculos, para além da convivência familiar, que sustentarão os desafios para as outras etapas escolares.

Desenvolvimento do trabalho

As famílias das crianças da educação infantil acompanham de perto o desenvolvimento dos filhos e participam mais efetivamente do cotidiano escolar. À medida que a criança cresce, o envolvimento diminui, embora a necessidade de acompanhamento se mantenha e represente uma expectativa permanente dos profissionais que atuam na escola.

Comunidade de Aprendizagem é um projeto baseado num conjunto de Atuações Educativas de Êxito dirigidas à transformação social e educativa. Inicia-se na escola e está baseado numa metodologia que apoia o restabelecimento das relações entre a família, a escola e a comunidade.

Os principais objetivos que orientam as ações de uma Comunidade de Aprendizagem são:

Eficácia: investir na melhoria dos resultados de aprendizagem dos alunos.

Equidade: investir na melhoria dos resultados de aprendizagem de todos os alunos.

Coesão social: avançar na melhoria da convivência e na participação de toda a comunidade.

A tarefa da escola determina pontos de atenção e compromissos que abrangem:

Relações humanas como elemento constitutivo do humano e de tudo que o ser humano produz.

Espaço de ser: valorização das relações humanas, fundamentais para a existência humana.

Espaço de fazer: valorização das habilidades construídas no cotidiano da escola, dos hábitos das diversas possibilidades de interação com outras crianças ou com os objetos.

Espaço de conhecer: valorização do contato com os objetos de conhecimento, construção de saberes.

Atualmente os professores e a gestão escolar estão tendo muitas dificuldades para realizar os desafios pertinentes à responsabilidade dessa instituição. Uma rede de apoio permanente e comprometida com a aprendizagem das crianças se faz necessária, pois a responsabilidade é de todos.

A aprendizagem dialógica é uma concepção de aprendizagem na qual se baseiam atualmente as pesquisas científicas internacionais por estar vinculada ao funcionamento da coletividade em que vivemos. Na sociedade da informação a aprendizagem depende cada vez mais da correlação das interações que a criança tem com as pessoas com as quais convive. O diálogo e a interação são vistos como ferramentas essenciais para a construção de novos conhecimentos. Os princípios orientadores da prática da aprendizagem dialógica, apresentados a seguir, vêm ao encontro da premente necessidade de apoio às redes de ensino, a começar pelo universo da educação infantil.

DIÁLOGO IGUALITÁRIO – A FORÇA DOS ARGUMENTOS E DAS ATITUDES.

O grande desafio de quem educa é dosar a escuta, o acolhimento e o apoio com incentivo e confiança no crescer da criança e da comunidade da qual ela faz parte.

A chegada da criança pequena nos espaços coletivos que se propõem a ser educativos envolve inicialmente um contexto de adaptação, que faz parte de um processo mais amplo e constante na vida de quem chega pela primeira vez na escola. Muitas vezes é marcado por conflitos entre as instituições família e escola. A busca da coerência e do diálogo

junto às famílias, fundamentada no respeito e na possibilidade do desejo genuíno de conquista da confiança, precisa transformar-se em prioridade permanente no ambiente escolar.

Por exemplo: no momento da matrícula, o espaço da escuta em relação à história de vida da criança precisa ser garantido e retomado entre as professoras com o objetivo de permanente envolvimento, acompanhamento e clareza dos objetivos e expectativas, tanto da escola quanto da família. O consenso em relação ao estabelecimento das regras, a força e a qualidade dos argumentos devem determinar os encaminhamentos propositivos. Todos precisam ter a mesma oportunidade de falar e de ser escutados, para além dos aspectos burocráticos.

A retomada em relação às respostas, elaboradas pela escola — Expliquei-me? Fui clara na resposta? —, identifica uma abertura ao diálogo e a possibilidade de escuta sensível, trazendo para o interlocutor a responsabilidade no cuidado maior em relação à orientação e à apresentação dos argumentos.

INTELIGÊNCIA CULTURAL – TODAS AS PESSOAS TÊM CAPACIDADE DE AÇÃO E REFLEXÃO E POSSUEM UMA INTELIGÊNCIA RELACIONADA À CULTURA.

No espaço coletivo a criança aprenderá a fazer muita coisa sozinha, terá que esperar e, com certeza, enfrentará situações diferentes das que vive no âmbito familiar. A escola não ocupa o lugar da casa, mas oferece também os cuidados, a socialização e a aprendizagem em diversos eixos curriculares. Na educação infantil, “cuidar” e “educar” caminham juntos.

Além dos professores, muitos outros profissionais atuam dentro da escola e colaboram com aprendizagens de qualidade, entre eles: colaboradores da administração, cozinha e limpeza. A função principal desses profissionais é apoiar o professor para que ele tenha boas condições de trabalho. Mas esses profissionais têm muitos outros saberes constituídos e precisam ter um espaço garantido de

maior valorização e troca de experiências. Merecem também um acompanhamento e uma formação continuada, com pautas que reconheçam suas vozes e o objetivo de construção de uma escola coerente, na qual se possa falar com sintonia, repartindo preocupações, exercitando o companheirismo, a tolerância, a adesão.

Colaboradores devem conhecer e compartilhar do objetivo do professor, saber dos projetos, para melhor qualificar o apoio necessário. Uma boa forma de conseguir uma integração é convidá-los a participar das reuniões coletivas com uma pauta de observação devidamente planejada para ser discutida. Outro caminho interessante é assistir a um dia de aula, com a possibilidade de interagir com determinada atividade e ter espaço para falar dos conhecimentos construídos ao longo da vida. A intenção é produzir e resgatar histórias que contribuam para a rede de ajuda necessária, provocar reflexões sobre os diferentes papéis dentro da escola, sobre as crianças, sobre o que fazem na escola, desafios e conquistas.

Os familiares também têm muito a dizer sobre o que pensam, conhecem e podem cooperar com os saberes da escola, afinal convivem com a criança e participam da cultura na qual ela está inserida.

TRANSFORMAÇÃO – A EDUCAÇÃO NÃO DEVE RESTRINGIR-SE A UMA ACOMODAÇÃO À REALIDADE SOCIAL DE CADA UM.

Na escola pública, se concebemos o outro como sujeito; se somos profissionais envolvidos com um projeto que deve assegurar o atendimento como um direito de cidadania das crianças e suas famílias, e não como um favor ou um serviço de categoria inferior; devemos buscar a transformação das práticas que destoem da concepção de educação em que de fato acreditamos.

Observamos que, mesmo de forma velada, pode haver um preconceito social na medida em que as famílias que normalmente procuram a instituição

pública o fazem com a avidez característica de quem não tem muita opção para matricular seus filhos, determinada, por vezes, pela quantidade insuficiente de vagas para atender a todas as crianças. O preconceito pode estar dissimulado quando dedicamos a essas pessoas apenas o preenchimento de uma ficha, feita de forma burocrática, e que pode nos levar às seguintes indagações:

- Para que explicar a proposta pedagógica para quem não vai poder escolher?
- Por que deveria me preocupar com a adaptação das crianças e famílias se é neste lugar que elas deverão permanecer?

Esses sujeitos que chegam têm desejos, dúvidas, receios, expectativas, direitos e, com certeza, enfrentarão novos desafios que a instituição lhes impõe.

As famílias da escola pública devem ser acolhidas da mesma forma como os pais das escolas particulares, no sentido da atenção, da escuta e da construção de vínculos como necessidades básicas. Tais atitudes representam mais possibilidades de sucesso nas ações educativas.

Há todo um trabalho a ser construído para que os pais sejam parceiros, cúmplices da finalidade da escola e, ao mesmo tempo, disponíveis para criar um espaço de confiança que dê suporte nos momentos de divergência ou conflito que possam existir. Desejar que os pais colaborem, participem com interesse, constituindo uma boa relação com a escola, é um grande desafio que tem como meta a transformação e não a acomodação à realidade existente. Trabalhar para que a relação seja a mais humana e tranquila para todos é o primeiro passo a ser dado nesse longo convívio. Enfim, quando não se quer pouco... é preciso trabalhar muito, e de preferência em coletividade.

DIMENSÃO INSTRUMENTAL

Aprendizagens daqueles instrumentos fundamentais como o diálogo, a reflexão e os conteúdos e habilidades escolares que constituem a base para se viver na sociedade atual.

Como parte da formação para a cidadania, e diante da concepção da Educação Infantil como um direito, é necessário garantir uma experiência bem-sucedida de aprendizagem a todas as crianças, sem discriminação. Isso requer proporcionar oportunidades para o alcance de conhecimentos básicos, que são considerados aquisições valiosas para elas. A educação para a cidadania volta-se para ajudar a criança a tomar a perspectiva do outro — da mãe, do pai, do professor, de outra criança. O importante é que se criem condições para que a criança aprenda a opinar e a considerar os sentimentos e a ideia dos outros sobre um acontecimento, uma reação afetiva, uma opinião, um conflito (Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil).

Na explicitação do ambiente de aprendizagem é necessário pensar “um currículo sustentado nas relações, nas interações e em práticas educativas intencionalmente voltadas para as experiências concretas da vida cotidiana, para a aprendizagem da cultura, pelo convívio no espaço da vida coletiva e para a produção de narrativas, individuais e coletivas, através de diferentes linguagens”. (MEC, 2009)

A contribuição que o projeto Comunidade de Aprendizagem apresenta é a possibilidade de envolvimento dos familiares quando participam de comissões no espaço pedagógico, quando se envolvem em jogos com o objetivo de intensificar a aprendizagem, momentos de contação de histórias, construção de brinquedos e brincadeiras, entre outros, de maneira a favorecer experiências cotidianas e o fortalecimento dos vínculos.

CRIAÇÃO DE SENTIDO

Fomentar a criação de sentido melhora visivelmente a confiança e o empenho dos estudantes na busca de suas realizações pessoais e coletivas.

Cada criança apresenta um ritmo e uma forma própria de colocar-se nos relacionamentos e nas interações, de manifestar emoções e curiosidade, e elabora um modo próprio de agir nas diversas situações que vivencia desde o nascimento, à medida que experimenta sensações de desconforto ou de incerteza diante de aspectos novos que, por sua vez, lhe geram necessidades e desejos, exigindo-lhes novas respostas. Assim, busca compreender o

mundo e a si mesma, testando de alguma forma as significações que constrói, modificando-as continuamente em cada interação, seja com outro ser humano, seja com objetos. Uma atividade muito importante para a criança pequena é a brincadeira. Brincar dá à criança oportunidade para imitar o conhecido e para construir o novo, conforme ela reconstrói o cenário necessário para que sua fantasia se aproxime ou se distancie da realidade vivida, assumindo personagens e transformando objetos pelo uso que deles faz. (Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil).

Exemplo: as brincadeiras de faz de conta — as aprendizagens que acontecem quando a criança tem a oportunidade de interagir com diferentes objetos, mediada pela presença do adulto que a incentiva e intencionalmente elabora propostas que a façam avançar em suas conquistas — concretizam a oportunidade de aprender por meio das cem linguagens que envolvem curiosidade, observação, relação, apreciação, conflito, avanços, entre outras que ela tem.

A parceria da escola com as famílias também tem muito a colaborar na criação de sentido de que a infância necessita para o desenvolvimento integral das crianças. Muita coisa vai da escola para casa: uma folha de papel para desenhar, como parte de uma proposta a ser realizada com a participação da família, massinha utilizada no dia, um pedaço de bolo para o pai que não esteve na reunião, enfim, uma rede que envie a mensagem “você é importante para nós”, são atitudes que fazem a diferença no sentido da existência de cada pessoa.

SOLIDARIEDADE

Quando toda a comunidade está envolvida solidariamente num mesmo projeto, fica mais fácil transformar as dificuldades em possibilidades. A realização dos sonhos faz parte da rede solidária que pode impulsionar a transformação nas escolas públicas.

“Cabe às instituições de Educação Infantil assegurar às crianças a manifestação de seus interesses, desejos e curiosidades ao participar das práticas educativas, valorizar suas produções, individuais e coletivas, e trabalhar pela conquista por

elas da autonomia para a escolha de brincadeiras e de atividades e para a realização de cuidados pessoais diários. Tais instituições devem proporcionar às crianças oportunidades para ampliarem as possibilidades de aprendizado e de compreensão de mundo e de si próprio trazidas por diferentes tradições culturais e a construir atitudes de respeito e solidariedade, fortalecendo a autoestima e os vínculos afetivos de todas as crianças.” (Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil).

O diálogo permanente com as famílias possibilita uma experiência solidária em toda a comunidade escolar. As conversas precisam ser “costuradas” em uma rede de ideias e sentimentos em momentos especiais de relações estabelecidas e de conquistas, de aprendizagens, de descobertas, que também envolvem erros, acertos e correções de rota, mas sempre com a participação das vozes que fazem parte de uma verdadeira comunidade de aprendizagem.

Se os pais estão confiantes na escola e entendem a proposta de participação, com certeza estarão transferindo para os seus filhos sentimentos positivos e, assim, facilitarão o processo de aprendizagem deles.

IGUALDADE DE DIFERENÇAS – RESPEITO E DIGNIDADE.

É bastante conhecida no país a desigualdade de acesso às creches e pré-escolas entre as crianças brancas e as negras, moradoras do meio urbano e rural, das regiões sul/sudeste e norte/nordeste e, principalmente, ricas e pobres. Além das desigualdades de acesso, também as condições desiguais da qualidade da educação oferecidas às crianças configuram-se violações de direitos constitucionais das mesmas e caracterizam esses espaços como instrumentos que, em vez de promover a equidade, alimentam e reforçam as desigualdades socioeconômicas, étnico-raciais e regionais. (Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil).

O objetivo principal do projeto comunidade de aprendizagem é a superação das desigualdades sociais. Se fortalecermos as relações escolares desde a educação infantil e modificarmos a cultura de maneira a potencializar os familiares, a transformação possibilitará igualarmos as diferenças.

Sabemos que são funções do Estado, em primeiro lugar, assumir a sua responsabilidade na educação coletiva das crianças, complementando a ação das famílias. Em segundo lugar, creches e pré-escolas constituem-se estratégia de promoção de igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, uma vez que permitem às mulheres sua realização para além do contexto doméstico. Em terceiro lugar, cumprir as funções sociopolítica e pedagógica das creches e pré-escolas implica assumir a responsabilidade de torná-las espaços privilegiados de convivência, de construção de identidades coletivas e de ampliação de saberes e conhecimentos de diferentes naturezas por meio de práticas que atuam como recursos de promoção da equidade de oportunidades educacionais entre as crianças de diferentes classes sociais no que se refere ao acesso a bens culturais e às possibilidades de vivência da infância. Em quarto lugar, cumprir funções sociopolíticas e pedagógicas requer oferecer as melhores condições e recursos construídos historicamente e culturalmente para que as crianças usufruam de seus direitos civis, humanos e sociais e possam se manifestar e ver essas manifestações acolhidas, na condição de sujeitos de direitos e de desejos. Significa, finalmente, considerar as creches e pré-escolas na produção de novas formas de sociabilidade e de subjetividades comprometidas com a democracia e a cidadania, com a dignidade da pessoa humana, com o reconhecimento da necessidade de defesa do meio ambiente e com o rompimento de relações de dominação étnica, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa que ainda marcam nossa sociedade. (Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil).

O olhar acolhedor para as diversidades também se refere às crianças com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Também o direito dessas crianças à liberdade e à participação, tal como para as demais crianças, deve se fazer presente no planejamento das situações de convivência e aprendizagem.

O combate ao racismo e às discriminações de gênero, socioeconômicas, étnico-raciais e religiosas precisa ser objeto de constante reflexão e intervenção no cotidiano da Educação Infantil. Toda a comunidade pode contribuir para que a efetividade dessas ações se torne realidade.

Conclusão

As instituições de Educação Infantil devem assegurar a educação em sua integralidade, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. As instituições devem tanto oferecer espaço limpo, seguro e voltado para garantir a saúde infantil, quanto se organizar como ambientes acolhedores, desafiadores e inclusivos, plenos de interações, explorações e descobertas compartilhadas com outras crianças, com outros adultos, professores e familiares. Elas ainda devem criar contextos que articulem diferentes linguagens e que permitam a participação, expressão, criação, manifestação e consideração de seus interesses.

A necessária e fundamental parceria com as famílias, a perspectiva do atendimento aos direitos da criança na sua integralidade, requerem que as instituições de Educação Infantil, na organização de sua proposta pedagógica e curricular, assegurem espaços e tempos para participação, o diálogo e a escuta cotidiana das famílias, o respeito e a valorização das diferentes formas em que elas se organizam. A família constitui o primeiro contexto de educação e cuidado do bebê. Nela, ele recebe os cuidados materiais, afetivos e cognitivos necessários ao seu bem-estar e constrói suas primeiras formas de significar o mundo. Quando a criança passa a frequentar a Educação Infantil, é preciso refletir sobre a especificidade de cada contexto no desenvolvimento da criança e a forma de integrar as ações e os projetos educacionais das famílias e das instituições. Essa integração com a família necessita ser mantida e desenvolvida ao longo da permanência da criança na creche e na pré-escola, exigência a ser atendida, frente às características das crianças de zero a cinco anos de idade, o que cria a necessidade de diálogo para que as práticas junto às crianças não se fragmentem. O trabalho com as famílias requer que as equipes de educadores as compreendam como parceiras, reconhecendo-as como criadoras de diferentes ambientes e papéis para seus membros, que estão em constante processo de

modificação de seus saberes, fazeres e valores em relação a uma série de pontos, dentre eles o cuidado e a educação dos filhos. O importante é acolher as diferentes formas de organização familiar e respeitar as opiniões e aspirações dos pais sobre seus filhos. (Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil).

Esse trabalho pode parecer utópico se pensarmos no Brasil como um todo, mas como fazer as escolas de nosso país se aproximarem do que sonhamos, se não repartindo com elas as nossas preocupações? Esse é o intuito deste texto, compartilhar ideias, desejos e conhecimentos na busca da construção de uma escola democrática e humana, onde haja espaço para a reflexão e o estudo da esfera afetiva e relacional. Onde o afetivo possa virar parte integrante do currículo.

O projeto Comunidade de Aprendizagem pode contribuir e apoiar a educação pública brasileira com a perspectiva de existência repleta de experiências e conquistas, baseadas no diálogo e na vivência dos princípios fundamentais para uma experiência de qualidade. Uma história escrita a muitas mãos, mãos diferentes, com jeitos diferentes, mas que com certeza podem trabalhar juntas para o alcance de um atendimento de boa qualidade às crianças, famílias e escola.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Aubert, A., Flecha, A., García, V., Flecha, R., & Racionero, S. (2008). *Aprendizaje dialógico em La sociedad de La información*. Barcelona: Hipatia.

Davini, J. (1999). *Adaptação: Pais, Educadores e Crianças, enfrentando mudanças*. Formação de Educadores. Cadernos de Reflexão.

Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil. 2009. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica – UF: DF.



Comunidade de
Aprendizagem

Sustentabilidade do projeto Comunidade de Aprendizagem

Fernanda Ferreira de Morais Zanitti

Resumo

PALAVRAS-CHAVE:

Aprendizagem; Planejamento;
Comunidade.

Este trabalho foi desenvolvido baseado na experiência do município da Estância Turística de Tremembé para garantir a sustentabilidade do projeto Comunidade de Aprendizagem por meio de ações definidas pela Secretaria de Educação para o processo de inserção do CA nas políticas públicas do município, no Planejamento Estratégico da equipe gestora, além da parceria com os programas FAST e Mais Educação, pilares da educação no município.

Introdução

A Estância Turística de Tremembé está localizada a 133 km de São Paulo e a 309 km do Rio de Janeiro. Cidade privilegiada, está situada no eixo Rio-SP, vizinha de cidades como Taubaté, Pindamonhangaba, entre outras, bem próxima de cidades consideradas polos turísticos. A população é de aproximadamente 42 mil habitantes e a economia é baseada no turismo, agropecuária, rizicultura, pequenas empresas e serviços.

A Rede Municipal de Ensino é formada por 5 escolas de Educação Infantil e 12 de Ensino Fundamental. Com a mudança da gestão em 2013, foi desenvolvida uma visão para a Educação Municipal: “ser uma Rede inovadora, com profissionais em constante aperfeiçoamento, efetiva em desenvolver o potencial dos alunos, oferecer ambientes educativos acolhedores, agregar famílias e ser reconhecida pela comunidade”. Baseadas nessa visão, foram instituídas algumas metas:

- Atingir média 7,0 na Avaliação Externa a ser realizada no final de 2015;
- Formação Continuada dos docentes;
- Trazer programas de reconhecida eficácia para a Rede Municipal;
- Fortalecimento contínuo dos Programas Implantados;
- Melhorar progressivamente a infraestrutura física e material das escolas.

Com o objetivo de atingir as metas do Planejamento Estratégico, foram implantados os Programas: Mais Educação, FAST e Comunidade de Aprendizagem. Tais programas se tornaram o eixo da Educação no Município.

Com o intuito de garantir a sustentabilidade do projeto Comunidade de Aprendizagem, a Secretaria de Educação da Estância Turística de Tremembé, por meio do estudo realizado pela equipe gestora das escolas municipais e do acompanhamento da coordenadora de projetos nomeada, organizou ações para que o desenvolvimento do projeto não sofresse modificações ou impactos negativos devido a possíveis mudanças na gestão pública, tais como:

- Inserção do projeto no Planejamento Estratégico;
- Criação da disciplina Tertúlia Dialógica Literária;
- Inserção dos Grupos Interativos e da Tertúlia no Plano Municipal de Educação aprovado em 2015 com vigência de 10 anos;
- Realização da campanha “Seja um Voluntário da Escola – de mãos dadas nossos alunos vão mais longe!”.

Tais ações associadas aos programas já desenvolvidos fortaleceram a transformação das escolas e auxiliarão na sua manutenção, efetivação e autonomia dentro da rede municipal, com foco em estabelecer um vínculo duradouro e produtivo entre comunidade e escola.

Exposição

Desde o primeiro contato, a implementação do projeto Comunidade de Aprendizagem foi idealizada a fim de fortalecer as ações entre famílias, comunidade e escola já desenvolvidas nos programas pilares da rede municipal (FAST) — programa internacional que busca fortalecer as ligações entre famílias, escolas e comunidade por meio de encontros multifamiliares — e o Programa Mais Educação, estratégia do Ministério da Educação para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da educação integral, assim como elevar os níveis de aprendizagem dos alunos.

O projeto foi apresentado ao município pela parceria estabelecida entre o Instituto Natura e a Secretaria de Educação no desenvolvimento do Programa FAST (Families and Schools Together), implementado com o apoio do Instituto Natura.

Duas diretoras e uma coordenadora técnica da Secretaria de Educação foram convidadas a conhecer o projeto em duas escolas do Rio de Janeiro, e, ao retornarem, as diretoras já tinha pretensão de transformar as escolas em Comunidade de Aprendizagem. A experiência vivenciada e repassada aos demais gestores da Rede de Ensino fez com que todos quisessem conhecer melhor o projeto.

A apresentação do projeto para os diretores e professores da rede foi realizada pela formadora técnica do Instituto Natura no EREP, Encontro da Rede de Ensino Pública de Tremembé para todos os profissionais da rede. Após esse momento as escolas deveriam decidir, junto a todos os envolvidos na escola, se gostariam ou não de passar pela Fase de Sensibilização do projeto. Até o final do primeiro dia do prazo para essa decisão, todas as escolas de Ensino Fundamental da rede já haviam optado por serem sensibilizadas. Vale ressaltar que essa decisão foi realmente deixada a critério de cada Unidade Escolar, não ocorrendo,

portanto, nenhum processo de escolha ou definição de escola por parte da secretaria ou do INatura.

Após a Sensibilização das escolas, a primeira ação realizada foi a introdução do projeto no estudo do Planejamento Estratégico das equipes gestoras da rede, processo de formulação dos objetivos e seleção de ações a serem executadas nas escolas da rede, premissa básica para respeitar o processo de todas as ações e sua coerência e sustentação.

Durante esse estudo houve o levantamento das dificuldades de aquisição de materiais necessários para a implementação das atuações de êxito, dirigidas à transformação social e educativa, identificadas como práticas que efetivamente aumentam o desempenho acadêmico, e a maior delas foi a aquisição dos livros de literatura clássica universal para a Tertúlia Dialógica Literária, uma das atuações implementadas. Para suprir a falta dos livros e auxiliar na realização da tertúlia, a decisão tomada pelo grupo de estudos foi a inserção da atuação de êxito no currículo escolar como disciplina para que esta aquisição pudesse ser feita via Secretaria. Dessa forma, a coordenadora responsável pelo acompanhamento do projeto realizou as modificações e as adaptações necessárias no currículo municipal e fez a mediação para a aquisição dos livros via Secretaria de Educação.

Outro aspecto positivo levantado nesse planejamento foi a contratação de profissionais para que a Tertúlia pudesse ser realizada com um número reduzido de alunos, facilitando a mediação do professor:

Com o crescimento das ações em torno do projeto, foi necessária a criação de um cronograma de acompanhamento da Secretaria de Educação, associado às visitas das formadoras locais disponibilizadas pelo INatura para o monitoramento das Fases de Transformação, fases pelas quais a comunidade escolar passa para a transformação em Comunidade de Aprendizagem:

1. Sensibilização
2. Tomada de decisão

3. Sonho
4. Seleção de prioridades
5. Planejamento

Durante esse monitoramento surgiu a preocupação para com a autonomia e a efetivação do projeto.

Em concomitância ao processo de implementação havia o desenvolvimento do Plano Municipal de Educação, que é o planejamento da educação de cada município com a participação do governo e da sociedade civil. É um documento que contém objetivos, metas e ações propostas a curto, médio e longo prazo para a educação do município num período de 10 anos. Por não se tratar do plano de uma administração da Prefeitura ou da Secretaria Municipal de Educação, uma vez que ele atravessa mandatos de vários prefeitos e dirigentes municipais de educação, a inserção das características do projeto nas metas municipais efetivará a sua continuidade:

**4 – A partir de 2015, a disciplina Tertúlia Dialógica Literária integra a parte diversificada do currículo de 7º, 8º e 9º ano, substituindo a disciplina Ensino Religioso, ministrada apenas no 6º ano. (Tremembé, p. 218, 2015)*

Garantir a implantação e/ou continuidade de programas que promovam a participação dos pais ou responsáveis no acompanhamento das atividades escolares dos filhos por meio do estreitamento das relações entre as escolas e as famílias; (Tremembé, p. 185, 2015)

A última questão observada no decorrer da implementação foi a necessidade de auxiliar as escolas com o trabalho voluntário. Para tanto, foi lançada a campanha “Seja um Voluntário da Escola – de mãos dadas nossos alunos vão mais longe!” com o intuito de despertar o interesse da comunidade e alertar para a importância da sua participação no desenvolvimento e na aprendizagem dos alunos.

A campanha do voluntariado foi lançada em junho de 2015. Atualmente conta com 297 voluntários atuantes. Pais e familiares de alunos, membros das comunidades, artistas, atletas, estudantes universitários, funcionários, todos de fato dispostos a doar seu tempo e sua experiência.

A diretora da escola EMEF Comendador Teixeira Pombo, Marise Tressoldi, ressaltou a importância dessa ação para a escola em reportagem para a divulgação do evento no site do município: “ter um voluntário da comunidade dentro da escola é a oportunidade que nós temos de mostrar a todos o trabalho que realizamos. Sem dúvida o maior impacto que temos com o trabalho voluntário é o envolvimento dos alunos com a escola, pois foi através do trabalho voluntário que se tornou possível promover atividades extracurriculares que tornaram a escola ‘uma delícia.’”

A Revista Nova Escola há quase 10 anos trouxe uma reportagem com o destaque na “parceria para a aprendizagem”: abrir as portas à participação de familiares e da comunidade ajuda os alunos a terem sucesso na vida escolar e colabora para diminuir a evasão e a violência. Tema atual para a comunidade de Tremembé, que conta com voluntários nos principais programas da rede, os quais estimulam e contribuem para a inserção das atuações de êxito na rede de ensino:

Escola e família têm os mesmos objetivos: fazer a criança se desenvolver em todos os aspectos e ter sucesso na aprendizagem. As instituições que conseguiram transformar os pais ou responsáveis em parceiros diminuíram os índices de evasão e de violência e melhoraram o rendimento das turmas de forma significativa. (Revista Nova Escola, 2006, ed. 193)

Conclusão

Na introdução dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), é abordada a relevância de

[...] mostrar a importância da participação da comunidade na escola, de forma que o conhecimento apreendido gere maior compreensão, integração e inserção do mundo; a prática escolar comprometida com a interdependência escola-sociedade tem como objetivo situar as pessoas como participantes da sociedade — cidadãos — desde o primeiro dia de sua escolaridade. (BRASIL, 1998, p. 10)

Este parágrafo resume com magnitude o trabalho percorrido até aqui. O compromisso dos profissionais da educação e da comunidade são indispensáveis para uma educação de qualidade, que depende de uma relação positiva entre todos.

Para a sustentabilidade do projeto e a autonomia das escolas é fundamental a organização de mecanismos que mantenham a sua vigência, mesmo após troca de mandato de secretarias e prefeituras. O desenvolvimento das ações estudadas também demonstra a necessidade de um profissional para o seu acompanhamento, pelo menos até que haja a autonomia efetiva das escolas.

Todas as medidas tomadas pela Secretaria de Educação estão auxiliando o desenvolvimento e a criação de um panorama pré e pós CA, e a sua associação com os programas já implantados na rede facilitou a capacitação dos profissionais em relação às atuações de êxito e à abertura para a comunidade, o que se deve às atividades do Mais Educação e do programa FAST.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (5ª a 8ª Série): Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília. MEC/SEF, 1998.

G., Paola. Parceiros na aprendizagem. Revista Nova Escola. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/ced/n26/v9n26a12.pdf>>. Acesso em: out, 2013.

Souza, Ana Paula de; J. F. Mário. Universidade Estadual Paulista, Brasil. A importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional. Revistas Ibero Americana de Educação. Disponível em: <http://www.rieoei.org/1821.htm>. Acesso em: set, 2014.

PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE TREMEMBÉ - Estância Turística de Tremembé, 2015.

Teodor Mircea & Teresa Sordé, "How to turn difficulties into opportunities: Drawing from diversity to promote social cohesion," *International Studies in Sociology of Education* 21, no. 1 (2011): 49–62.



Comunidade de
Aprendizagem

Implementação do projeto Comunidade de Aprendizagem no território da Chapada Diamantina

Claudia Rocha

Resumo

PALAVRAS-CHAVE:

Implementação; Formação de Formadores; Diálogo; Transformação.

O presente artigo descreve a implantação do Projeto Comunidade de Aprendizagem em parceria com o Instituto Natura no território da Chapada Diamantina, Bahia, Brasil. Sua implantação se dá inicialmente via formação de formadores e, numa etapa posterior, diretamente aos municípios do território. O artigo apresenta uma proposta educativa com foco nas ATUAÇÕES EDUCATIVAS DE ÊXITO — Tertúlia Literária Dialógica e Grupos Interativos — que propõem a transformação social e cultural de escolas e seus bairros em busca de uma convivência respeitosa entre todos por meio da aprendizagem dialógica.

OBJETIVO

Apresentar a experiência vivida pelo ICEP na implementação de duas atuações educativas de êxito — Tertúlias Pedagógicas e Grupos Interativos — no território da Chapada Diamantina.

Introdução

O Instituto Chapada de Educação e Pesquisa (ICEP) foi fundado em 2006 na Chapada Diamantina. Tem como premissa trabalhar para tornar real o sonho do acesso universal à educação pública de qualidade. Foi criado a partir de um projeto de educação, o Projeto Chapada, desenvolvido coletivamente no ano de 1997 por associação de pais, professores, representantes de organizações não-governamentais e Secretarias Municipais de Educação. O Instituto tem como missão melhorar a aprendizagem de alunos da educação infantil e do ensino fundamental a partir da formação continuada — aliada à mobilização política em territórios colaborativos —, da disseminação de conhecimentos e da participação no debate político da educação. Na Bahia, o mesmo atua hoje na Chapada Diamantina, Agreste, Semiárido, Pratigi e Salvador; em Pernambuco, nos municípios de Cabo de Santo Agostinho e Jaboatão dos Guararapes; e no estado de Alagoas, no município de São Miguel dos Campos.

No Território da Chapada o ICEP realiza formação continuada de educadores há mais de 15 anos, garantindo assim melhores condições na formação desses profissionais, bem como alcançando cada vez melhores resultados de aprendizagem nas redes municipais.

O projeto de formação em Comunidade de Aprendizagem surge da necessidade de intensificar e aprimorar as estratégias de envolvimento de pais e comunidade do entorno das escolas situadas no território de atuação do Instituto Chapada de Educação e Pesquisa (ICEP).

Comunidade de Aprendizagem é um modelo educativo comunitário a partir do qual se compreende a escola como instituição central de nossa sociedade. É uma proposta dedicada à ampliação da participação de pessoas do bairro e da cidade na vida da escola, intensificando e diversificando, de maneira metódica, as interações entre diferentes agentes educativos. (MELLO, 2012. p. 11)

Para que de fato fosse implantado nos territórios de atuação do ICEP o Projeto Comunidade de Aprendizagem, foi desenvolvida uma pesquisa realizada em 2012 pelo Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE), da Universidade Federal de São Carlos, com vistas a identificar práticas exitosas em educação quanto à eficácia, equidade e coesão social (que se comportem como comunidade de aprendizagem). Essa pesquisa contribuiu para que contássemos com um diagnóstico importante do nosso território de atuação, bem como para, a partir dos resultados, pensar em articulações com vistas a buscar mais alternativas para o aprimoramento do trabalho já realizado com os pais e comunidade do entorno da escola.

Para a realização dessa pesquisa contamos com o apoio da professora Roseli Rodrigues de Mello, coordenadora do Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). A pesquisa aconteceu no território da Chapada Diamantina e foram selecionados três municípios (Ibitiara, Iraquara e Piatã), tendo como foco investigar a aprendizagem dos estudantes (eficácia e equidade), a participação dos familiares e comunidade (coesão) e o convívio respeitoso com aprendizagem por todos (equidade).

Ao final da pesquisa, constatou-se que de fato o território necessitava da implantação de ações que viabilizassem uma transformação do contexto educativo realizada pelos agentes educacionais da instituição escolar em conjunto com os familiares e estudantes, visando a melhoria e a aceleração das aprendizagens com foco na interculturalidade (relação entre os sujeitos). Acredita-se que quanto maiores e mais diversas forem as relações intersubjetivas estabelecidas, maior será a potencialidade da aprendizagem de todas as pessoas envolvidas. Por isso, a colaboração direta dos familiares nesse processo de melhoria da qualidade da educação é uma ação enriquecedora e transformadora do processo de ensino e de aprendizagem escolar.

Partindo desses resultados, foi firmada a parceria com o Instituto Natura, implantando assim o Projeto Comunidade de Aprendizagem nos territórios da Chapada Diamantina e Semiárido Baiano. Essa parceria iria garantir a formação de formadores em Comunidades de Aprendizagem de forma a instrumentalizar os formadores do Instituto

Chapada de Educação e Pesquisa para seguirem realizando a formação nos municípios parceiros, favorecendo assim que as escolas envolvidas no Projeto Chapada diversifiquem e intensifiquem suas práticas, buscando cada vez mais as famílias e a comunidade de entorno como parceiras no processo de aprendizagem dos estudantes.

Desenvolvimento do trabalho

O projeto ficou definido em duas etapas de trabalho:

Etapa I: formação dos formadores do ICEP (disseminação do trabalho com Comunidades de Aprendizagem)

Etapa II: produto da Etapa I (incluir no Plano de Formação dos municípios: Atuações Educativas de Êxito).

A CHEGADA DAS ATUAÇÕES EDUCATIVAS DE ÊXITO NAS ESCOLAS DA CHAPADA DIAMANTINA

Em 2014, em decisão conjunta com o Instituto Natura, achamos por bem não implementar o projeto na íntegra, e tomamos a decisão de iniciar o trabalho focando apenas em duas Atuações Educativas de Êxito: Tertúlia Literária Dialógica e Grupos Interativos. É importante ressaltar que na implementação do projeto Comunidade de Aprendizagem pode-se iniciar o trabalho apenas com as atuações, ou seja, elas podem acontecer de forma independente do projeto.

Sabemos que o grande foco do Projeto Comunidade de Aprendizagem é a transformação da escola numa educação inclusiva e igualitária. Para se tornar uma Comunidade de Aprendizagem, a escola precisa passar por um processo de transformação e aplicar as Atuações Educativas de Êxito, que estão ancoradas nos princípios da Aprendizagem Dialógica. As Comunidades de Aprendizagem incorporam os princípios da Aprendizagem Dialógica no seu dia a dia ajustando-se às necessidades da sociedade da informação, ao mesmo tempo em que aumentam a quantidade e a qualidade das interações entre os estudantes e as outras pessoas da comunidade escolar durante o processo de

aprendizagem. As fases necessárias para que a transformação aconteça são: sensibilização, tomada de decisão, sonho, seleção de prioridades e planejamento.

É essencial que a transformação seja desejada por todas as pessoas envolvidas (professorado, direção, familiares e estudantes), que entendam os objetivos da proposta e que estejam em acordo para sua realização.

Nas Comunidades de Aprendizagem a participação ativa na elaboração do projeto educativo se abre a toda comunidade e, especialmente, às famílias que são protagonistas e, nesse sentido, responsáveis pela educação de seus filhos e filhas. Rompe-se com a visão tradicional, segundo a qual a transmissão do conhecimento se concebe exclusivamente desde a figura do professorado e se incorpora o saber do resto das pessoas implicadas no projeto (ELBOJ et al, 2002, p. 29)

Diante da decisão, iniciamos o trabalho com duas Atuações Educativas de Êxito: a Tertúlia Literária Dialógica e os Grupos Interativos.

A primeira atuação que disparamos no território foi a Tertúlia Literária Dialógica, que é uma prática de leitura dialógica que consiste num encontro ao redor da literatura no qual os participantes leem e debatem, de forma compartilhada, obras clássicas da literatura universal. Favorece a troca direta entre todos os participantes sem distinção de idade, gênero, cultura ou capacidade. Essas relações igualitárias envolvem a solidariedade, o respeito, a confiança e o apoio em vez de imposição.

Num primeiro momento foi feito um investimento na formação dos formadores do ICEP para que os mesmos pudessem atuar nos municípios e, assim, garantíssemos de fato uma boa implementação em todas as redes de atuação do ICEP.

Assim que iniciamos o trabalho com as tertúlias literárias nos municípios da nossa rede, percebemos logo no primeiro momento o quanto de fato essa atuação seria importante para que os estudantes tivessem a possibilidade de vivenciar na escola uma leitura com sentido e prazer;

algo mais do que uma aprendizagem instrumental.

A leitura de mundo é um ato anterior à leitura da palavra, que implica sempre em percepção crítica, interpretação, compreensão e reescrita do lido por meio da “palavramundo”, da relação entre linguagem e realidade. (FREIRE e MACEDO)

No ano de 2015 o investimento nos grupos interativos foi o foco da formação dos educadores das redes municipais. O mesmo iniciou com muita força, tendo por todos os envolvidos uma grande aceitabilidade.

Os grupos interativos são uma forma de organização de aula em que os estudantes são organizados, uma vez por semana e em horário fixo, em grupos heterogêneos dentro da própria sala, com até 5 estudantes por grupo (sendo que em cada grupo há um voluntário), para a realização de atividades curtas sobre assuntos já trabalhados e que devem durar de 15 a 20 minutos cada, e ao final cada grupo terá realizado 5 atividades diferentes. A professora faz a gestão do trabalho ajudando em dúvidas que porventura surjam e o voluntariado ajuda os estudantes a se ajudarem, não ensina o conteúdo, mas cria condições para que as interações aconteçam. Trata-se de introduzir na sala de aula todas as interações necessárias para que as estudantes e os estudantes aprendam o necessário para enfrentar a atual sociedade da informação em vez de segregar aqueles que vão se distanciando do ritmo.

Dessa forma reforçamos a ideia de que a escola não se reduz a espaço de aquisição do conhecimento instrumental, ela é um espaço de interações, de amizades que se criam quando estudantes falam e aprendem entre si e com outras pessoas. (MELLO, 2012. p.130)

Como bem diz Freire, “o ato de ensinar e aprender precisam ser provocadores de alegria”. É essa alegria que temos observado nas redes municipais onde atuamos e que está iniciando uma grande mudança de hábito nas relações entre os estudantes na escola, uma vez que está começando a se difundir um novo hábito cultural, tão importante para a resignificação da escola como um espaço de todas as pessoas, em que cada uma pode aprender o máximo possível com alegria, respeito e solidariedade.

Conforme podemos observar as atuações educativas de êxito (Tertúlia Dialógica Literária e Grupos Interativos) disparadas no território da Chapada, vemos que de fato têm contribuído positivamente no que diz respeito à aprendizagem dos estudantes, assim como para o desenvolvimento de uma convivência respeitosa entre todos.

Diante de todos os investimentos e os resultados que temos acompanhado no território da Chapada Diamantina com as Atuações Educativas de Êxito, fica evidente o quanto o Projeto Comunidade de Aprendizagem investe na democratização da escola por meio da participação e do diálogo, articulando os diferentes agentes educativos de uma escola na busca por uma educação de qualidade para todos.

O projeto Comunidade de Aprendizagem tem superado as nossas expectativas e com isso temos alcançado algumas conquistas, conforme podemos observar abaixo:

CONQUISTAS	
TERTÚLIAS LITERÁRIAS	GRUPOS INTERATIVOS
<ul style="list-style-type: none"> • Investimento por parte de alguns municípios na compra de clássicos; • Envolvimento dos professores com as tertúlias; • Continuidade com o trabalho, ainda que com o uso de xerox; • Alunos solicitando que a tertúlia seja semanal (na escola onde a rotina da mesma seja quinzenal); • Participação efetiva de alunos, professores e Equipe Gestora nos argumentos, no compromisso, nas condições para o trabalho, nos acompanhamentos e devolutivas aos professores; • Compromisso dos professores para realizar as tertúlias com as crianças; • A qualidade e a quantidade de livros que passaram a ser retirados na biblioteca da escola ou de sala; • O grupo sabendo ouvir o outro, esperando a sua vez de falar; • Melhoria da capacidade de argumentar; • Mães e estudantes mediando as Tertúlias Dialógicas Literárias; • Melhoria em alguns participantes da habilidade de falar em público. 	<ul style="list-style-type: none"> • Empenho da dupla gestora e de professores no planejamento das atividades a serem realizadas para os grupos interativos; • Envolvimento dos voluntários na atuação educativa de êxito; • Evidência dos princípios: Diálogos igualitários, Inteligência cultural, Transformação, Aprendizado instrumental, Criação de sentido, Solidariedade, Respeito à igualdade e à diferença; • Estudantes compreendendo o que leem e ampliando os conhecimentos matemáticos.

Conclusão

A formação continuada é a chave para todo esse sucesso. Com a implantação do Projeto Comunidade de Aprendizagem no território da Chapada, conseguimos, no decorrer da formação, atingir desde os secretários de educação, professores e duplas gestoras até chegar ao nosso alvo final, que são os estudantes. Com o envolvimento de todos esses atores, não teria como dar errado.

Ao longo do trabalho foram surgindo desafios, que são os encaminhamentos que precisam ser dados para que todos juntos consigamos fazer de nossas escolas uma verdadeira comunidade de aprendizagem.

DESAFIOS	
TERTÚLIAS LITERÁRIAS	GRUPOS INTERATIVOS
<ul style="list-style-type: none">• Disponibilidade de acervo para a realização das TDL;• Finalizar os encontros no tempo combinado;• Manter a frequência de todos os participantes (pais e comunidade);• Participantes da TDL relacionam o texto para além de situações do cotidiano;• Falta de estabilidade entre os encontros em algumas classes e em algumas escolas;• Realização com rotina programada de tertúlias com os docentes em todas as escolas para garantir a progressão e a continuidade dessa ação.	<ul style="list-style-type: none">• Ter voluntários suficientes para atuar em mais classes nos Grupos Interativos.• Implementar os grupos interativos em todas as escolas do FI;• Ampliar no FII a proposta dos grupos interativos para as outras áreas;• Adequação das atividades ao tempo programado;• Sistematização das atividades no pós-grupo interativo;• Nível de desafio das atividades para as crianças de Educação Infantil nas classes multisseriadas;• Quantidade de voluntários — ampliar para a inclusão de mais estudantes;• Planejamento e acompanhamento sistemático dos grupos interativos nas classes multisseriadas;• Como propor atividades de grupos interativos nas classes multisseriadas sem segregar as crianças, em especial as de educação infantil.

BIBLIOGRAFIA

BRAGA, F. M.; MELO, R. R.; GABASSA, V. Aprendizagem dialógica: ações e reflexões de uma prática educativa de êxito. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

MELO, Roseli Rodrigues de; BRAGA, Fabiana Marini; GABASSA, Vanessa. Comunidades de Aprendizagem: outra escola é possível. São Carlos: UFSCAR, 2012.

Comunidades de Aprendizagem. Portal: www.comunidadesdeaprendizagem.com.br



Comunidade de
Aprendizagem

Formação de formadores

Lucas Botelho

Resumo

Os sonhos das escolas são o centro propulsor das transformações nestas. O projeto Comunidade de Aprendizagem propõe esse recurso, gerido por Comissões Mistas. Uma etapa fundamental será refletir sobre como esses sonhos são encaminhados: a efetividade da Tabulação e da Seleção de Prioridades dos sonhos conduzirá à qualidade e ao envolvimento do trabalho posterior. Apontamos aqui então reflexões sobre os muitos desafios que esses passos apresentam e as possibilidades de superá-los.

OBJETIVO

Este artigo busca refletir sobre a etapa de Seleção de Prioridades dentro do projeto Comunidade de Aprendizagem, esmiuçando os maiores impasses que esse momento traz, buscando reflexões a partir disso e propondo um protótipo de passo a passo para a boa condução do trabalho de quem nele está envolvido.

Desenvolvimento do trabalho

SONHOS DE CAJAMAR: COMO CUIDAR?

ETAPAS DA SELEÇÃO DE PRIORIDADES

Os sonhos são o centro propulsor das transformações, são como o seu coração pulsante e comunicante. O sonho é um momento de conexão com o que há de mais íntimo e belo em cada um de nós. Momento de se projetar para além de si, para o presente mais lúcido, para as reais potencialidades nossas, algo que transcende a esfera racional, que envolve também desejos e intuições. Movimento que produz uma fagulha que nos tira do comodismo e do esquecimento a que o cotidiano nos aprisiona. Que tristeza uma vida sem sonhos!

I. O Projeto Comunidade de Aprendizagem é um processo de transformação da escola e seu entorno a partir dos princípios de Aprendizagem Dialógica e pela implementação de sete Atuações Educativas de Êxito que favorecem a participação da comunidade, com o objetivo de superar as desigualdades sociais e aprimorar o aprendizado e a convivência entre os estudantes. Esse processo envolve todos aqueles que, de forma direta ou indireta, influenciam na aprendizagem e no desenvolvimento de todos os estudantes, entre eles professores, familiares, amigos, pessoas do bairro, membros de associações e organizações de moradores, etc. (Instituto Natura, Caderno de Comunidade de Aprendizagem).

2. Pedagogia da Autonomia, p. 53-9.

3. Op. Cit., pg. 129.

O projeto Comunidade de Aprendizagem¹ propõe a comunhão desses sonhos no interior das escolas. É o diálogo direto entre almas que se lançam para fora de si em busca do outro, em busca de superar coletivamente suas dificuldades. Olhar para si e para o outro é o primeiro passo para a compreensão da situação vivida. O passo seguinte é justamente poder confiar e contar com os outros para realizar as tão sonhadas mudanças. Esse é o grande desafio que encontramos em escolas Brasil afora: fragmentadas, amedrontadas, desorientadas e individualizadas, não conseguem dialogar e assim não encontram forças.

Paulo Freire nos relembra² que somos seres históricos, indeterminados e que portanto cabe a nós encabeçar as mudanças que nos interessam. Esse é, no fundo, o real significado do sonho — aquilo que nos faz humanos e que nos conduz às transformações almejadas.

“Nenhuma teoria da transformação político-social do mundo me comove sequer, se não parte de uma compreensão do homem e da mulher enquanto seres fazedores da História e por ela feitos, seres da decisão, da ruptura, da opção”³

DE ONDE VEM, PARA ONDE VAI

A ideia deste artigo é relatar algumas experiências vividas em um ano de implementação do Comunidade de Aprendizagem em Cajamar (SP), município situado na região metropolitana da capital paulista. Lá iniciamos os trabalhos com três escolas municipais — as EMEBs República do Panamá, Eva Rosa e Antonio Pinto — nos últimos meses do ano de 2014, e já conseguimos ver resultados interessantes florescendo e que puderam gerar os pensamentos que compartilho a seguir.

Todas as escolas que aderem ao projeto Comunidade de Aprendizagem passam pelas Fases de Transformação⁴, que consistem na Sensibilização, na Tomada de Decisão, no Sonho, na Seleção de Prioridades e no Planejamento. Como podemos perceber, somente abordaremos neste trabalho a Seleção de Prioridades (sem conseguir deixar de esbarrar nas contíguas Fases dos Sonhos e de Planejamento).

Depois da escola consultar a comunidade a respeito dos sonhos que esta tem em relação ao aprendizado dos estudantes, todos são convidados a ler estes sonhos e começar uma organização à qual chamamos de “priorização”. Por fim, a comunidade elaborará o plano de ação para ir atrás desses sonhos, arregaçando as mangas e realizando-os.

Mas antes de tratarmos do assunto central deste artigo, não podemos deixar de falar das Comissões Mistas⁵, e logo saberemos o porquê disso.

4. Instituto Natura, caderno das Fases de transformação.

5. A Comissão Mista é a forma deliberativa proposta pelo Comunidade de Aprendizagem. Trata-se de um grupo que contém pelo menos um representante de todos os segmentos da comunidade escolar (pais, estudantes, gestores, professores, funcionários, moradores vizinhos, etc.) e que se reúne para discutir as melhorias que os sonhos da escola evocaram e demais questões de mesmo interesse.

COMISSÃO MISTA: A CHAVE DA MUDANÇA

A comissão mista é a ágora da comunidade de aprendizagem, o local de discussão por excelência, reunião heterogênea que abarca os diversos segmentos da comunidade escolar para debater sobre como trabalhar juntos para ajudar a escola.

As escolas que não contam com a parceria da comunidade escolar não sabem da riqueza das contribuições que estão deixando de ter, tanto no

aspecto de maior assistência quanto a toda uma cortina que se desvela: a escola historicamente esqueceu de escutar o lado dos estudantes e da comunidade e não imagina quantas soluções interessantes e práticas uma criança, por exemplo, do Fundamental I pode dar — ideias que influenciam diretamente na melhoria do aprendizado.

Mas não basta simplesmente colocar pais e estudantes para opinar para que os problemas da escola sejam resolvidos. Existem alguns conhecimentos fundamentais a respeito das comissões mistas que precisam ser abordados, do contrário velhos vícios continuarão repercutindo e minando todo o trabalho.

Sabemos que pais se retraem frente aos gestores e professores, ou então buscam uma postura contrária quando reclamam e agem com aspereza. O mesmo se dá com os estudantes. A comissão mista começará a mexer em relações e dinâmicas há muito estagnadas e será preciso a criação de uma nova cultura na escola, a cultura do diálogo.

O outro lado da moeda são os gestores e os professores. Como representam a ordem institucional, as autoridades escolares têm que tomar muito cuidado com palavras e posturas: elas servirão de exemplo e pautarão o tom e o teor das conversas. Para que haja um espaço de diálogo é preciso haver abertura para isso. Para que a comissão mista seja produtiva será preciso uma especial atenção para afinar a conversa entre os participantes de modo que todos se sintam valorizados e respeitados, caso contrário a reunião pode ser um fracasso.

Os estudantes e os pais, por exemplo, não estão habituados a certo tipo de conversa, então podem acabar ficando de escanteio e se desencantando caso eles não sejam devidamente convidados a participar para falar, emitir sua opinião, contar sua vivência. Por vezes um simples olhar ou gesto afetuoso já basta, mas é preciso que a escola esteja profundamente convicta de que quer contar com a ajuda de pais e estudantes pois só assim conseguirá se abrir inteiramente para o diálogo, ouvindo opiniões e experiências diversas e fortalecendo-se com esse material precioso que em muitas escolas está sendo jogado no lixo.

Agora que já esclarecemos a forma de organização dos grupos de trabalho, passemos então ao conteúdo sobre o qual essas Comissões Mistas irão se debruçar.

PREPARAÇÃO: A TABULAÇÃO DOS SONHOS

Antes de adentrar a seleção de prioridades propriamente dita há um importante preparativo: a tabulação desses sonhos. Por conta da enorme quantidade de sonhos e do pouco tempo de que a escola normalmente dispõe, sempre vale a pena separar com antecedência os sonhos e agrupá-los para facilitar as etapas subsequentes.

CATEGORIAS. É mais funcional já agrupar esses sonhos por categorias e subgrupos. As categorias ficam ao gosto das escolas, porém percebemos que algumas delas comumente costumam aparecer: cultural, pedagógica, infraestrutura, relacionamentos, etc. Temos trabalhado com um número de três ou quatro categorias para não complexificar nem superficializar demais o trabalho. Lembremos: o número de categorias será, nas etapas seguintes, o número de frentes de trabalho abertas em forma de Comissão Mista.

SUBCATEGORIAS. As categorias citadas acima são agrupamentos gerais de sonhos. Em alguns casos, recomenda-se recorrer a subcategorias ou agrupamentos menores para também facilitar a visualização e o debate a respeito dos sonhos. Por exemplo: se temos sonhos pedindo melhores carteiras, outros pedindo melhores cadeiras e ainda outros pedindo conserto dos ventiladores, podemos colocá-los todos dentro de uma subcategoria “equipamento físico escolar”, ou qualquer outro nome mais adequado, para marcar um agrupamento de sonhos parecidos que provavelmente terão o mesmo peso na discussão e o mesmo tipo de encaminhamento e resolução.

DETALHE. Ao separarmos os sonhos em categorias e subcategorias, podemos acabar perdendo alguns detalhes que aportam muita qualidade às discussões futuras. Uma das ideias sugeridas foi anotar quantas vezes um determinado sonho aparece, pois isso é sem dúvida

um critério muito relevante e que deverá ser levado em consideração quando da seleção de prioridades dos sonhos. Por vezes esse critério não será decisivo, porém ele é um dado importante a ser preservado.

AFINAL, QUEM TABULA? Para essa elaborada organização descrita acima não é possível depender da equipe da escola que, sobrecarregada pelas tarefas cotidianas, não pode incumbir-se de ainda mais funções. Preferimos sempre utilizar as Comissões Mistas para a realização desse mutirão e para agilizar o trabalho. Como vimos anteriormente, esse é o grupo que encabeça todas as etapas da comunidade de aprendizagem na escola doravante. As pessoas que integram esse grupo podem variar, mas a Comissão Mista deve estar presente.

Aí então chegamos à etapa da seleção de prioridades.

SELEÇÃO DE PRIORIDADES: DESAFIOS

1. Um dos primeiros desafios que surgem nesse momento é: o que significa priorizar? Todos os sonhos são importantes e normalmente todos eles apontam para aspectos urgentes da vida escolar, mas é preciso distinguir as especificidades de cada sonho para poder começar a pensar numa organização de trabalho.

Esse é um momento precioso para que a comunidade discuta quais sonhos são os mais relevantes para aquele determinado momento que estão vivendo. Por essa razão, as escolas costumam traçar caminhos distintos: não há uma fórmula para se melhorar uma escola, pois somente com o debate se chega às dificuldades particulares que dizem respeito àquela comunidade escolar em específico.

2. Alguns destes sonhos são muito complexos e por isso as pessoas se veem com dificuldade de priorizá-los. Normalmente o que é menos complexo costuma ser mais facilmente compreendido como uma prioridade de curto prazo, ao passo que um sonho mais complexo e igualmente importante tende a ser enquadrado como um sonho de longo prazo. Isso acontece pois ocorre uma confusão entre a

compreensão dos termos relevância e complexidade quando do momento da priorização dos sonhos. Tal dúvida pode relegar alguns sonhos ao ostracismo indevidamente.

Para ajudar nesses casos de impasse, a equipe do Instituto Natura⁶ utiliza uma tabela que facilita muito a visualização e a efetivação dessa tarefa. Essa tabela propõe que cruzemos informações referentes aos conceitos levantados acima. Vejam a seguir um exemplo fictício:

TABELA DE PRIORIZAÇÃO DOS SONHOS

	Muita relevância	Média relevância	Pouca relevância
Pouco complexo	Mais passeios culturais/pedagógicos		
Complexidade Média	Todos se tratarem com respeito no ambiente escolar	Mais festas na escola	
Muito complexo	Compra de novas carteiras e cadeiras pela secretaria de educação		Piscina na escola

A partir dessa tabela conseguimos interagir com mais fluidez com os sonhos e não nos bloqueamos ao fato de um sonho ser mais complexo ou não. É importante não esquecer que os sonhos de muita relevância serão os prioritários, tanto os mais simples quanto os mais complexos, que estão separados apenas para facilitar a visualização e a divisão de tarefas. Os sonhos mais relevantes serão, evidentemente, aqueles sobre os quais, a curto prazo, a comunidade irá se debruçar para buscar soluções, ainda que estas sejam complexas.

6. O Instituto Natura, como implementador do projeto, tem uma equipe de formadores que faz o acompanhamento da implementação nas escolas.

3. Um outro ingrediente que aparece frequentemente nas discussões é: existem sonhos muito relevantes mas de difícil ou quase impossível

realização. Devemos gastar energia em algo que é importante mas que não acreditamos poder realizar?

É importante que a escola perceba que um sonho inviável num momento pode tornar-se viável em outro. A contribuição do Comunidade de Aprendizagem vem justamente no sentido de dizer: aquilo que a escola fazia de um determinado jeito sempre encontrava um certo tipo de resistência, porém o que a escola fará como comunidade pode deixar de encontrar esse mesmo tipo de resistência. Ou seja, às vezes a gestora escolar se vê impotente diante de questões e se esquece de que a comunidade escolar pode ser altamente potente para a resolução dos mesmos problemas.

A partir desse raciocínio, tenho encaminhado esse impasse da seguinte maneira: o momento de priorização não diz respeito à possibilidade ou não de se realizar os sonhos. Se um sonho é fundamental para uma escola, temos que futuramente investigar as causas que estão impossibilitando que ele se realize, mas não abandoná-lo.

4. Por fim, é preciso ressaltar que não basta termos sonhos organizados, tabulados e quantificados. O grande desafio dessa etapa parece estar no modo como essas discussões são feitas. Todo cuidado é pouco para que essa tarefa não redunde num momento burocrático e enfadonho. Para isso é preciso muita clareza dos gestores ou de quem ajudar a coordenar esses debates, pois o que é um momento sublime de encontro da comunidade com os seus anseios e com os meios de realizá-los pode acabar tornando-se mero preenchimento de formulário e balancete.

As vidas e os sonhos são potentes e caso a Comissão Mista e a Seleção de Prioridades sejam tratadas como reles formalidades maquinais, os passos seguintes, ainda que grandiosos, podem estar fadados ao fracasso. Caso um pai comece a não ver sentido naquelas atividades e ver-se perdendo tempo, sem dúvida ele abandonará o barco. O mesmo acontecerá com professores e estudantes. Com um mínimo de sensibilidade podemos perceber que os sonhos nunca são cansativos,

mas sim o modo como olhamos para eles, o modo como os tratamos, encaminhamos e cuidamos. O simples fato de se acessar e compartilhar o sonho de outro ser humano é motivo de muita alegria. Essa é a chama que não queremos que se apague: a vivacidade do sonho.

BIBLIOGRAFIA

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia, São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1996.

INSTITUTO NATURA, Cadernos do projeto Comunidade de Aprendizagem



Comunidade de
Aprendizagem

A escola em transformação e sua trajetória

Gláucia Lara Borja

Consultora associada da Avante - Educação e Mobilização Social,
responsável pela implementação do Projeto Comunidade de
Aprendizagem nas escolas do Nordeste (Brasil).

Resumo

PALAVRAS-CHAVE:

fase de transformação, fase do sonhar, Comunidade de Aprendizagem.

O presente artigo analisa as fases de transformação em escolas que estão implantando a Comunidade de Aprendizagem na cidade de Fortaleza, no Ceará, e possui dois objetivos específicos: Contextualizar a fase de transformação no Comunidade de Aprendizagem, os obstáculos e os impactos da fase do sonhar. Esta etapa se destaca pela mobilização gerada tanto na escola como com todos que a integram, quanto na comunidade que vive ao redor; e por ser o alicerce de todas as demais ações que consolidam a Comunidade de Aprendizagem.

OBJETIVO

Um estudo sobre a fase do sonho e o impacto desta na implementação do Comunidade de Aprendizagem nas escolas, e sua importância na construção do vínculo entre famílias, alunos e escolas.

*A educação, na verdade, necessita tanto de formação técnica, científica e profissional como de sonhos e de utopia.
(Freire, 1997 p.34)*

Introdução

A SOCIEDADE ATUAL E O CONTEXTO ESCOLAR

Comunidade de Aprendizagem é um projeto produzido pelo Centro Especial de Investigação em Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdades (CREA -Universidade de Barcelona) que consiste na transformação social e cultural que tem início na escola e se expande para toda a comunidade a partir da participação de familiares e voluntários nas decisões e atividades da escola. Seu objetivo é superar as desigualdades sociais melhorando os resultados de aprendizagem dos alunos e a convivência. Embasa suas ações nos princípios da aprendizagem dialógica, que são; diálogo igualitário, transformação, criação de sentido, solidariedade, dimensão instrumental, igualdade de diferenças e inteligência cultural.

A aprendizagem dialógica é um conceito que diz respeito a uma maneira de conceber a aprendizagem e as interações, fruto de diversos teóricos como Paulo Freire, Lev Vygotski, Jürgen Habermas, Jerome Brunner, Ramón Flecha, entre outros.

Diante da globalização e imersão no modelo de vida capitalista, percebemos que as pessoas se distanciaram do ser em prol do ter; ressaltando o modelo de comportamento individualista que estamos vivendo e desaprendendo a conviver; sendo o ambiente escolar um grande reflexo disso, através da transição da Sociedade Industrial para a Sociedade da Informação ocorrida no final do século XX.

A Sociedade Industrial foi estruturada pelas tecnologias de automação, onde o trabalho era especializado e individualizado, as competências profissionais eram adquiridas a partir do treinamento ao longo da carreira. Nas escolas os professores eram tidos como os donos do saber; o espaço de aprendizagem era separado do espaço de trabalho. Ao passo que na Sociedade da Informação e do Conhecimento, tivemos diversos avanços na área das tecnologias.

A sociedade contemporânea vivencia a globalização, inserida num constante processo de mudança, ou seja, encontra-se em processo de formação e expansão. As informações não ficam mais no poder de poucos, mas possuem uma grande importância e acessibilidade. Atualmente as indústrias e ambientes organizacionais possuem as escolas e as universidades como aliados responsáveis pelo desenvolvimento social e econômico por propiciarem avanços tecnológicos e por serem espaços de criação de conhecimento, desempenhando um papel fundamental na produção de riqueza e na contribuição para o bem-estar e qualidade de vida das pessoas.

São inúmeros os aspectos positivos, tal como a melhoria da nossa qualidade de vida (como a criação de meios de transporte, comunicações, instrumentos e produtos voltados para a saúde, implementação de máquinas e robôs nas indústrias, etc.), embora tenham aumentado as taxas de desemprego e gerado a extinção de algumas profissões. Essas criações também impactam na destruição do meio ambiente e, conseqüentemente, na perda das riquezas naturais.

A condição para a Sociedade da Informação avançar é a possibilidade de todos terem acesso às tecnologias de informação e comunicação para superarem os aspectos negativos que vieram com o desenvolvimento.

As mudanças ampliaram as desigualdades sociais e segregaram ainda mais as pessoas que estão nas camadas sociais com baixo poder aquisitivo. Essa transformação precisa ocorrer também nas escolas, a fim de possibilitar o acesso à educação para todos, assegurar um sentido para a vida e propiciar uma igualdade nas competências para a inserção no mercado de trabalho.

O contexto atual exige resultados na aprendizagem, o mercado de trabalho busca pessoas especialistas mas com uma formação ampla, empreendedoras e com criatividade para a resolução de problemas.

As escolas precisam focar nas interações e nos diálogos estimulando a responsabilização dos processos de aprendizagem pelos próprios estudantes, despertando a corresponsabilidade, tornando-os protagonistas de suas vidas, voltando a fazer sentido como um espaço de preparação para o futuro para todas as pessoas.

Nessa nova fase da sociedade, onde as mudanças são constantes em todos os aspectos da vida, as condutas e situações cotidianas não são mais moldadas pela tradição, ou seja, não há mais respostas prontas, e se faz necessário encontrar e criar novas estratégias, exigindo que as pessoas tornem-se protagonistas de sua própria história.

O giro dialógico, de acordo com Flecha, Gómez e Puigvert (2001), aponta que desde o final do século XX, na sociedade moderna, o diálogo é de extrema importância em todos os âmbitos relacionais, tendo em vista que todas as pessoas são uma fonte inesgotável de conhecimentos, haja vista a diversidade de suas origens, experiências de vida e saberes.

Ao refletirmos sobre os comportamentos atuais, até as crianças mais novinhas não aceitam ordens sem compreender antes o verdadeiro sentido daquele comando, o que os professores trazem como indisciplina, falta de limites, desestrutura familiar:

Ao ampliarmos nossa visão, é cada vez maior a necessidade de diálogo para negociar e renegociar as tarefas que cada um deve desenvolver; tanto no âmbito privado, profissional e social.

A ação comunicativa torna possível às pessoas que estão em determinada situação, e que se dispõem a dialogar, buscar o entendimento sobre alguma problemática no mundo e orientar a ação, de cada sujeito, a partir do acordo para sua superação. A ação comunicativa é, assim, ao mesmo tempo, linguagem e ação — aproximando-se do conceito de palavra verdadeira de Freire. (MELLO, Roseli Rodrigues de. 2012. p. 47)

A proposta de Comunidades de Aprendizagem tem como essência a transformação social e cultural da escola e do entorno com o propósito de construir uma escola mais democrática, igualitária e dialógica. A etapa de transformação é dividida em dois momentos — o processo de ingresso e o de consolidação — sendo composta por fases: sensibilização, tomada de decisão, sonhos, seleção de prioridades, planejamento.

Desenvolvimento do trabalho

A escolha de contextualizar a transformação nas escolas através dos obstáculos e impactos da fase do sonho, nas escolas da cidade de Fortaleza, surgiu por meio da experiência vivenciada na implantação do Comunidade de Aprendizagem por se compreender que esta etapa trata-se do alicerce de todas as demais ações que consolidam o projeto.

A fase do sonho destaca-se pelas mobilizações nas escolas com todos que a integram (alunos, pais, professores, funcionários) através da consigna “Que Escola Queremos”. Embora tenha sido uma escolha da escola aderir à proposta de implementação, foram visíveis as contradições, pois toda transformação gera certo receio e resistência à mudança por impactar na zona de conforto e na invisibilidade de possibilidades.

A abertura do espaço de escuta, onde todos opinaram sobre o funcionamento da instituição, desestabiliza o lugar de poder que inconscientemente os professores e a equipe gestora ocupam, principalmente pela inserção da família e da comunidade no ambiente escolar e, conseqüentemente, na participação dos processos de aprendizagem.

Nessa etapa do sonho as escolas envolveram-se, a princípio, com seus alunos e professores, visto que grande parte criou resistência na participação dos pais, desconsiderando também os funcionários que dão suporte ao funcionamento da escola (porteiro, merendeira, auxiliar de serviços gerais), através da fantasia de que as pessoas da comunidade, inclusive as crianças que vivem em situação de vulnerabilidade social, não sabem sonhar. Outra resistência apresentada foi alegarem que muitos pais não comparecem quando são convocados para as reuniões, nem quando são chamados por alguma questão referente aos seus filhos. Foram ultrapassadas essas objeções por meio da conscientização de que todos são capazes de sonhar e de

que é necessária a criação de estratégias para a reaproximação da família para o momento do sonhar, além da importância da escuta de todos. As equipes gestoras se envolveram com a tarefa, orientando os professores, criando momentos especiais e criativos para a colheita dos sonhos; elaboraram árvores dos sonhos, jardins, nuvens, estrelas penduradas no teto da sala e painéis temáticos cuidadosamente produzidos, embora não tenham conseguido envolver todos os pais, até pelas dificuldades de reuni-los, e aproveitaram as reuniões onde conseguiram uma representação deles.

Durante as visitas de acompanhamento, ao pesquisar como haviam sido os momentos de levantamento dos sonhos, verificamos que nem todos os alunos e funcionários haviam sido escutados, e por diversos motivos, tais como: “esta sala é impossível”, “temos muitos alunos”, “só faltaram os alunos do EJA”, “nem todos os professores quiseram sonhar”, dentre muitas outras justificativas, de modo que foram incentivados a propiciar outros momentos com todos os alunos e funcionários.

Em encontros posteriores, foi perceptível, através dos relatos das equipes gestoras, o encantamento com a abertura do espaço para a escuta sobre que escola desejam, e surpreenderam-se com o pensamento crítico de seus direitos e com a clareza do que querem, além das mudanças que já estavam ocorrendo antes mesmo das comissões serem formadas e iniciarem suas atuações. O que reforçou o ditado: “sonho que se sonha junto, vira realidade”.

Em uma escola, onde a comunidade estava passando por um momento de desapropriação de suas casas, receberam a visita do prefeito, que por sua vez escutou as demandas das próprias crianças e iniciou algumas melhorias na escola. A seguir, o depoimento de uma coordenadora pedagógica que a princípio estava muito resistente: “percebi como os pequenos já são politizados, sabem o que querem e seus direitos, não sonharam por sonhar; pediram vestiários completos com chuveiro, salas climatizadas. Eles se tornam um ser social por poderem se expressar. E a escola cumpre o papel social dela de ensinar e realmente aprimorar o ser social. Surgiu tanta coisa legal”. Com isso, de que as realidades das escolas públicas são assim mesmo e as pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade são acríticas e aceitam tudo o que lhe oferecem,

não se percebia que os direitos estavam sendo violados, como na falta expressiva de professores na rede, banheiros sem porta, salas de aula sem ventilação, merenda de baixa qualidade (“suco com biscoito” é uma unanimidade entre as queixas dos alunos), bebedouros sujos, etc.

Além das resistências encontradas nas escolas, verificamos, diante das declarações das equipes gestoras, que os profissionais dos Distritos de Educação e da própria Secretaria Municipal de Educação pressionavam a implantação da Comunidade de Aprendizagem sem conhecer a proposta do projeto, afirmando que “o que importa são os índices de aprendizagem, a situação que a escola está vivenciando ou a família não interessa”; “não estamos vendo nada ser feito”. Diante dessas situações, solicitamos apoio ao setor de Controle Social, que colabora com a implantação, para que promovesse um encontro com esses profissionais para realizarmos uma sensibilização, ampliarmos o conhecimento sobre a Comunidade de Aprendizagem e fortalecermos as ações que estão acontecendo nas escolas. Durante a sensibilização, o grupo solicitou aprofundar os conhecimentos sobre o projeto e as linhas teóricas que deram base à elaboração do mesmo. Atualmente participam de uma ação educativa de êxito, que é a tertúlia dialógica pedagógica do livro *Aprendizagem: outra escola é possível*, de Roseli Rodrigues de Mello, o que vem dando um grande suporte para a realização do trabalho.

A tertúlia dialógica pedagógica consiste em um espaço de formação no qual, após a leitura de livros de fontes originais de autores importantes na área de educação, os participantes compartilham, num espaço de formação, os trechos que mais chamaram sua atenção, relacionando aspectos teóricos com a prática educativa e experiências vivenciadas na escola. Trata-se de uma proposta de estudo relevante para o desenvolvimento dos integrantes, para a construção coletiva do conhecimento que se baseia no diálogo igualitário e proporciona a oportunidade de discutir as práticas educativas recorrendo sempre a evidências e a fontes originais.

Após a vivência do sonhar com os pais, as equipes gestoras perceberam que alguns demonstraram interesse em atuar como voluntários, impactando no pensamento inicial de que não teriam disponibilidade, mas ainda nos deparamos com objeções em convidá-los para compor a

comissão mista, sob alegações de que “a comunidade é muito violenta”, “não compreendem a cultura do voluntariado e sempre esperam algo em troca”, “acham que só podem ajudar ao limpar ou pintar a escola” e “os professores têm receios”. Diante dos argumentos, continuamos esclarecendo os princípios do projeto e enfatizando a importância de convidar os familiares para realizarem a seleção de prioridades e elaborarem o planejamento das ações para a transformação das escolas. Atualmente temos encontrado pouca participação dos pais. Em algumas escolas optaram por mães que são funcionárias da escola, onde levantamos a hipótese de, dessa forma, terem um certo controle sobre as ações e a inserção de novos alunos nas comissões a cada visita de acompanhamento. Embora já estejam na fase de planejamento, estão começando a quebrar as resistências de inserir mais representantes de pais e da comunidade.

Conclusão

Diante dessas experiências, conclui-se que de toda modificação realizada num sistema ou instituição emergem resistências e situações que emanam reações ou criam obstáculos para as ações da transformação seguirem o fluxo do processo, sendo de extrema importância a abertura de espaços de comunicação que facilitem as mudanças e diminuam o nível de ansiedade originada por elas. O diálogo é um fator responsável por quebrar os paradigmas e desvelar as fantasias, as possíveis hierarquias e as resistências que vão além da ação de uma pessoa sobre a outra.

Transformar é um processo de formação contínua e de compartilhamento entre os integrantes de um grupo, e que, conseqüentemente, gera atitudes de mudança nas próprias pessoas, entre elas e no fazer coletivo.

Psiquiatra suíço nacionalizado na Argentina, criador da técnica dos grupos operativos, elaborada a partir da construção da sua teoria da Psicologia Social, Enrique Pichon Rivière caracteriza grupo como um conjunto restrito de pessoas ligadas por constantes de tempo e espaço e articuladas por sua representação interna, que se propõe a uma tarefa que constitui a sua finalidade.

Pichon definiu vínculo como uma estrutura complexa que inclui um sujeito, um objeto e a interação entre ambos, o que ocorre através de processos de comunicação e aprendizagem, sendo essa interação a responsável por modificações mútuas e incorporações de novas aprendizagens e sendo o vínculo uma relação dialética entre as pessoas.

Para ele, a superação do mito implica em retrabalhar os vínculos das pessoas em torno de uma tarefa comum, tendo como referência o processo de transformação, o “eu com o outro”, construindo algo em comum e provocando um movimento contínuo modificador

de estruturas pessoais, interpessoais e grupais, daí a importância do encontro periódico com as comissões mistas e os gestores das escolas, a fim de acompanhar e facilitar o processo de implementação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aubert, A.; Flecha, A.; García, C.; Flecha, R; Racionero, S. Aprendizaje dialógico en la sociedad de la información. Barcelona: Hipatia Editorial/ S.A., 2008

FLECHA, R.; GÓMEZ, J.; PUIGVERT, L. Teoría sociológica contemporánea. Barcelona: Editorial Paidós, 2001.

MELLO, R. R. Aprendizagem: outra escola é possível/ Roseli Rodrigues de Mello, Fabiana Marini Braga, Vanessa Gabassa - São Carlos: EdUFSCar, 2012.

PICHON Rivière, E. Prólogo, em El processo grupal. Ed. N. Visión, 1978.

Material impresso pelo Instituto Natura.

Apostilas Formação de Coordenação de Grupo Operativo, do Núcleo Social de Psicologia da Bahia, 2008.

Site: www.comunidadeaprendizagem.com